

IASI, Mauro. Política, Estado e ideologia na trama conjuntural. São Paulo: Instituto Caio Prado Jr., 2017, 144 páginas.

O TEMPO LONGO E A OBRA: EXIGÊNCIAS DA HISTÓRIA

Maria de Fátima Rodrigues Pereira¹

Este livro, do professor da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e líder comunista Mauro Luis Iasi vem a lume neste ano em que se comemoram 100 anos da Revolução Russa de Outubro de 1917.

Os temas que na obra seu autor versa, se por um lado demonstram o quanto o mundo das mercadorias se enredou em contradições e dilemas que exigem cada vez mais o concurso dos estudos teóricos, por outro lado reafirmam no seu trato os fundamentos ontológicos, gnosiológicos e ético-políticos que orientaram a Revolução de Outubro de 1917, levada a cabo sob os interesses dos operários, soldados e camponeses e até hoje necessários na orientação das lutas dos trabalhadores.

Vivida por uma Rússia semi-feudal, a Revolução “alimentou em milhões de pessoas de todos os continentes a esperança de um futuro melhor, sem opressões, explorações e misérias” (BUONICORE, 2017, p.11), hoje um deve ser que se coloca urgente em um cenário de extrema exploração, intensificação do trabalho, de acumulação de riquezas na mão de uma elite decadente, cujo projeto para a humanidade é perdulário em tempo de recursos escassos, degradado porque entulha de mercadorias descartáveis o planeta e a vida de todos, e coisificante porque aliena pelo trabalho e ideologias.

A obra de Iasi pode ser incluída nos atos de festejo da Revolução proletária de 1917 uma vez considerada grande apropriação e elaboração do pensamento para a crítica à conjuntura brasileira durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT) e, portanto, contributo à sua superação.

A coincidência dos cem anos da Revolução de Outubro e a publicação da obra de Iasi remete a considerar que ao contrário do que a burguesia tem afirmado e feito para desqualificar a Revolução de Outubro apresentando-a com acidente de percurso “impondo um desvio de rota que atrasou o caminho da humanidade por algumas décadas”, a Revolução permanece como sinal à esperança da quebra dos grilhões que amarram as relações de produção da vida à posse privada da propriedade, incluindo aí a cultura e a educação.

A Revolução Russa de 1917 se apresentou como centro socialista mundial e grandes modificações se deram no mundo que manifestam suas influências. “É Losurdo, novamente que nos lembra que as grandes discriminações do século XX- e início do século XXI- caíram sob o impacto causado pela Revolução Russa. Entre elas estavam: a discriminação de propriedade (censitária), racial e de gênero.” (BUONICORE, 2017, p.17). O movimento sufragista foi influenciado pelas teses socialistas. “A

luta das sufragistas inglesas naqueles anos- e que tiveram o apoio do movimento socialista- é bastante conhecida” (BUONICORE, 2017, p.17).

Mas, é também de destacar a importância que a Revolução de Outubro teve nas lutas anticoloniais no continente africano e asiático e todos os processos vividos orientados pelo princípio da autodeterminação dos povos oprimidos.

Levada a cabo em meio à Primeira Guerra Mundial, a Revolução colocou ao movimento operário posicionar-se em relação ao direito à autodeterminação dos povos colonizados e sua realização sob os interesses do imperialismo. O colonialismo foi tema e prática que preocupou e ocupou Lenine, além de outros socialistas entre os quais se destacou Rosa Luxemburgo. Lenine escreveu, a respeito, suas teses em “A Revolução Socialista e o Direito das Nações à Autodeterminação”, neste seu trabalho “Sustenta de que o ‘socialismo vitorioso’, deve necessariamente realizar a democracia total; por conseguinte tem não só que pôr em prática a absoluta igualdade de direitos entre as nações, mas também realizar o direito das nações à sua autodeterminação, isto é, o direito à livre separação política” (RODRIGUEZ, s/d, p. 36).

Lenine tomava, em 1917, quando produziu a obra citada, posição, antecipadamente à Revolução de Outubro, quanto à constituição de uma República “de todas as nações e nacionalidades que até então tinham feito parte do império russo, essa união terá que ser voluntária e nunca forçada” (RODRIGUEZ, s/d, p. 44).

Após a tomada do poder pelos bolcheviques, no dia seguinte, Lenine, conforme suas teses sobre colonialismo, “apresenta o histórico ‘decreto sobre a paz’ em que se propõe uma paz sem anexações e nem indenizações”, assente na livre decisão dos próprios povos sobre o destino da sua nação” (RODRIGUEZ, s/d, p. 44).

Este tema do colonialismo para os socialistas não é tema menos importante que os de gênero e raciais referidos anteriormente, imbrica-se com estes porque faces do imperialismo e das lutas de resistência. Os processo de descolonização da Índia, da Indochina, da Argélia, da Nigéria, de Angola, Guiné Bissau, Moçambique, do País Basco, da Irlanda, Cuba manifestam, entre outros, as influências que se vem apontando.

As lutas anticoloniais ganharam urgência em todo mundo durante todo o século XX, na América Latina foram e são hoje dramáticas face ao avanço imperialista, um neocolonialismo, não mais recorrendo a armas, mas, sobretudo, com os recursos da mídias, das ideologias, sob o manto do progresso o uso de tecnologias e insumos que contaminam a terra, os mananciais de água, o desmatamento e ocupação de grandes áreas de recursos naturais como minérios, incluindo aí o petróleo, ainda hoje fonte energética em disputa. Processos neocoloniais recrudescem, imbricando-se com as teses da globalização da economia, da sociedade informática e pós-modernas no conhecimento da realidade. Em toda a América Latina, manifestam-se nas políticas imperialistas “intervencionistas” do governo estadunidense na Venezuela, Costa Rica, Brasil, entre outros.

Efetivamente, assim tem-se que

Às autênticas guerras se acrescentam os golpes de Estado que podem assumir formas “legais” e “constitucionais. É exatamente o que está ocorrendo na América Latina. Além de ser um ataque à democracia e ao Estado do Bem Estar Social, o golpe que ocorreu no Brasil na primavera de 2016 é parte integrante da Tentativa de Washington de restabelecer a doutrina Monroe no “hemisfério ocidental” (LOSURDO, 2016, p. 17).

Não menos importantes tem sido as contribuições da Revolução à educação de crianças e jovens.

Pistrak, Makarenco, entre outros educadores russos, tem sido estudados alargando as possibilidades de práticas educativas para uma educação integral de trabalhadores. Da mesma maneira, Vigostski, Luria, Leotiev com seus contribuições ao conhecimento sobre o desenvolvimento humano e a necessária atividade guia na apropriação da cultura historicamente produzida, para a formação da humanidade.

É de se notar que as contribuições referidas tem o pressuposto do homem como ser histórico que produz sua humanidade na relação com os outros homens e a natureza, se apropriando dela e se objetivando nela, quando pelo trabalho produz sua existência. Mas, esta não é concepção hegemônica, prevalecem abordagens a-históricas, biologizantes, de interação entre o organismo e o meio. Por esta razão é tão importante recorrer-se à história, nos apontamentos que se realizam para a apresentação da obra ora resenhada. Esta condição humana de historicidade, também, implica que nada está garantido e nas sociedades de classes é luta por projetos de vida.

Nestes cem anos entre a Revolução de Outubro e este de 2017,

O trabalho de milhões de seres humanos tem possibilitado que objetivações humanas como a ciência e a produção material gerassem, neste século, possibilidades de existência livre e universal sem precedentes na história da humanidade, mas isso tem-se realizado de forma contraditória, pois essas possibilidades tem sido geradas às custas da miséria, da fome, da ignorância da dominação, e mesmo da morte de milhões de seres humanos. Nunca o homem conheceu tão profundamente a natureza e nunca a utilizou tão universalmente, mas nunca esteve tão próximo da destruição total da natureza e de si próprio, seja pela guerra, seja pela degradação ambiental (DUARTE, 2001, p. 23-24).

Estas considerações são promissoras de práticas educativas segundo a Pedagogia Histórico Crítica, formulada pelo Professor Dermeval Saviani e que recebe de outros autores contribuições importantes.

O Estado de bem estar-social vivido por alguns países europeus, após a Segunda Guerra Mundial, não é menos importante, no conjunto dos registros que ora se fazem das influências da Revolução de Outubro ao longo do século que nos traz até ao presente.

Efetivamente, a Revolução Rússia que traçou como meta a satisfação das necessidades fundamentais dos seus cidadãos, de que ninguém podia passar fome, acabou por influenciar as lutas e políticas no ocidente capitalista que resultaram no Estado de bem estar-social,

Eric Hobsbawm, por sua vez, nos lembra que nem mesmo o Estado de Bem Estar-social, nascido na Europa ocidental, é possível ser pensado sem a existência do fantasma da revolução socialista. Os próprios neoliberais não se cansam de bater nesta tecla: os direitos sociais e a intervenção do Estado na Economia- típica do modelo

keynesiano- eram uma contaminação perigosa do comunismo nas democracias liberais europeias. Assim, também consideravam a Declaração Universal dos Direitos Humanos aprovada pela ONU em 1948 (BUONICORE, 2017, p.19).

A obra de Iasi impõe que se retomem estas questões e ponderações, pois, estamos perante a longa duração das relações capitalistas de produção.

Efetivamente, há relação entre a Revolução Russa e contribuições de Iasi na obra ora resenhada que impõe considerar a longa duração, categoria importante aos estudos históricos que muito deve às contribuições da Escola dos Annales na sua primeira e especificamente na segunda geração com Fernand Braudel. Esta abordagem exige considerar a estrutura, constructo prático-teórico que perscruta as permanências e suas mudanças, no caso das relações entre capital e trabalho em suas várias esferas econômicas, políticas, culturais, educacionais e as formulações teóricas que as explicam- o marxismo.

Isto não quer dizer que não se levem em conta as mudanças na longa duração e nesse sentido é preciso registrar que o que se viveu após 1917, teve a ver com a notificação que “UM ESPECTRO ronda a Europa- o espectro do comunismo” (MARX; ENGELS, In: COGGIOLA, p. 39), foi assim durante a guerra fria, que implicou intensa corrida às armas físicas e ideológicas, foi assim nas lutas por direitos trabalhistas e condições de trabalho, também com as práticas do bem estar social que alguns países da Europa viveram após a Segunda Guerra Mundial e mesmo toda a campanha ideológica que hoje as mídias do capital fazem a favor da escola sem partido, das reformas de Ensino Médio que vão no sentido da formação rápida e ajustada ao trabalho enquanto mercadoria barata.

O capital tem pressa, porque ainda o espectro do século XIX, que se fez vivente com a Revolução de Outubro de 1917, incomoda e atemoriza, tende a desconsiderar e não reconhecer estudos de longa duração, potencializando, assim, seu projeto unidimensional.

Prevalecem, hoje, nas pesquisas em educação, os estudos no tempo curto, em muito influenciadas pelas perspectivas do relativismo e mesmo do ceticismo. A obra de Iasi sem deixar de considerar as conjunturas coloca suas explicações na longa duração das lutas entre capital e trabalho em sua existência desde o século XIX.

O livro de Iasi é composto de Prólogo de autoria de José Paulo Netto, Introdução do próprio autor e duas Partes inteiradas por 25 ensaios produzidos entre 2009 e 2016 e um Posfácio. A modo de apresentar o autor e sua obra, Netto, antes da palavra do autor, como convém a prólogo, destaca a “rigorosa” formação, relevância e unidade dos 25 capítulos da obra que veio a lume neste ano de 2017, pelo Instituto Caio Prado Jr. Salienta o trato erudito e culto de Iasi com autores da filosofia clássica até aos atuais do campo da política, história, economia, na trama conjuntural. Aponta que “De fato, poucos marxistas da geração de Mauro Iasi dispõem de uma arcabouço teórico-cultural para enfrentar os dilemas do tempo presente”. Avisa o leitor que Mauro ao retomar formulações marxistas, não o faz recorrendo à repetição, à autoridade dos autores dessa tradição, antes “como meio de construir novas compreensões da realidade” reveladas em estudos teóricos de temas atualíssimos para o esclarecimento da conjuntura como alienação e ideologia, Direito e emancipação, Estado e políticas sociais e de outros temas da política recente. Paulo Netto, destaca a unidade dos 25 ensaios assentada em um núcleo central que é luta de

classes. Conclui que Iasi e sua obra alinham-se e contribuem com o pensamento da esquerda que ora persiste e se renova a despeito das desistências, “com desalento ou com cinismo”, que acometeram a tantos no tempo das três últimas décadas de derrotas teóricas e práticas dos trabalhadores.

Na Introdução do punho de Iasi, contrapondo-se a tendências pós-modernas, firmando seu pé no marxismo como já apontado, o leitor é avisado do que vai ter pela frente sobre o Estado, Política e Ideologia - que “a compreensão de uma conjuntura nos exige a mediação da teoria, da abstração, como meio de captar o movimento do real. Não há a menor chance de você encontrar um conceito ou categoria em sua vida cotidiana. Um operário pode passar sua vida toda sendo explorado sem que veja a mais-valor ou se perceba como capital variável”. E, que somente assim há condições de compreender o período que se encerra (de “estratégia democrática-populista” petista) e os desafios que nos interpelam.

A Parte I intitulada Marxismo, Estado e Ideologia é composta por 12 textos: *Marxismo diante de um novo século*; *Marx e a crise: o fantasma agora são eles*; *A crise do capital: a era da hipocrisia deliberada*; *Alienação e ideologia: a carne real das abstrações ideais*; *Atualidade da revolução soviética e a questão do Estado*; *A comuna de Paris e o estado: a forma enfim encontrada*; *Socialismo barbárie e outras alternativas*; *O direito e a luta por emancipação humana*; *O estado depois do ajuste: políticas sociais na época da hipocrisia deliberada*; *Estado, ditadura e permanências: sobre a forma política*; *Violência e ideologia*; *Democracia e fetiche: de homens e fantasias*. Neste conjunto de textos o leitor encontra reflexões rigorosas sobre as teses de autores, entre outros, de Offe, Gorz, Fukuyama, Habermas sobre a dita pós modernidade, interrogando Iasi se não é a “generalização da forma-mercadoria, na apropriação privada dos meios sociais de produção, o que pressupõe a permanente expropriação da maioria da população, que só tem sua força de trabalho para vender; uma ordem fundada na expropriação do trabalho vivo como substância do valor” (IASI, p.39), o que se vive, que “o velho mundo moribundo tenta disfarçar-se de novo, recobrando-se de hipocrisia, cinismo e irracionalidade” (p.47). Este posicionamento dá, nesta primeira parte o “tom” a temas escrutinados como: a crise do capital incrementa o debate teórico das teses marxistas, a “hipocrisia” e as profecias de fé liberal das análises face à “hipertrofia da crise”; para logo engatar, quase à maneira de Marx em os Manuscritos de Paris, após este ter apresentado seu exame dos escritos dos economistas ingleses quanto a salário, renda da terra, o tema da alienação e ideologia e porque não do estranhamento, na ordem da mercadoria. Texto importantíssimo pelo que contribui para se compreender a necessidade da formação teórica, os limites da unidade do homem genérico no modo de produção capitalista. Iasi debruça-se ainda em temas importantes como Estado, tomada do poder e partidos políticos tendo por fundo a Revolução Russa, a Comuna de Paris como Estado do proletariado, socialismo, barbárie revolução, emancipação humana, as políticas e estado nos ajustes estruturais do modo de produção capitalista, apassivamento, espetacularização da violência e negação da violência revolucionária, as relações de fetiche na ordem das mercadorias.

A Parte II é inteirada por 13 capítulos, tendo em comum a todos a conjuntura histórica dos governos do partido dos trabalhadores (2003-2016): *O PT e a revolução burguesa no Brasil*; *A suprema justiça do espetáculo: o mensalão, o circo e nenhum pão*; *As manifestações de massa e a dimensão estratégica*; *Senso comum e conservadorismo: o PT e a desconstrução da consciência*; *A adaga dos conservadores e o limite da imbecilidade direitista*; *É o lobo é o lobo*; *A crise do PT: o ponto de chegada da metamorfose*; *Três crises...falta uma*; *De onde vem o conservadorismo?*;

O “petismo” como problema moral ; O usurpador e o caminho da Usurpação; O futuro da usurpação e as alternativas impensáveis, o trabalho do vento e a necessidade da tempestade; O caminho da ditadura. O eixo central neste conjunto de textos é explicitar os fenômenos da conjuntura dos Governos do PT e até o agora do Governo Temer nas contradições da formação social brasileira. Afasta-se, assim, como lhe é próprio, das análises morais, do crivo de erros ou equívocos e traições, para explicar na profundidade da estrutura histórica brasileira a “Estratégia Democrático Popular” do PT, o espetáculo do mensalão, as manifestações de massa a partir de 2013, as opções conservadoras de conciliação dos interesses antagônicos do capital e trabalho, o cenário de impeachment de Dilma Roussef, as concessões do governo “ao bloco dominante” da coligação e os ataques aos trabalhadores, os arranjos políticos de amoldamento à “forma capitalista de produção e sociabilidade burguesa”, os limites do apassivamento da classe trabalhadora, “os caminhos nefastos do culto à personalidade”, do lulismo e seu caráter de fetiche, o anúncio de sinais, à época da escrita do texto, da crise do Estado, para além da econômica e política, “sinal de que a contradição foi além dos limites que a ordem burguesa pode conter, emergindo para o primeiro plano a luta de classes”, a preponderância do irracionalismo, das paixões, do moralismo no conservadorismo autocrático da burguesia e seu transbordamento para os trabalhadores, as opções políticas do PT e a dimensão ético- moral das tragédias cotidianas que atingem o país, o caráter de classe do governo Temer, de suas políticas e a necessidade da burguesia “recompor seu a fantasia ideológica necessária ao bom funcionamento das coisas”, a ditadura, o estado de exceção e formas democráticas e suas relações com a ordem da propriedade privada e do capital.

No Posfácio, Iasi, retoma, quase à guisa de considerações finais, suas teses elaboradas à luz da teoria explicitada na Parte I, referentes à conjuntura das duas últimas décadas, para concluir que se está perante um esgotamento da estratégia democrática popular, cujas “metamorfoses” foram sendo amarradas às armadilhas da governabilidade e as forças sociais e seus projetos em cena, para desafiar a todos ao dizer: “Não nos lamentemos pelos restos do velho que desmorona e nem percamos tempo com aqueles que, ainda iludidos, a ele se agarram. Empenhem-nos em ser os percursos de algo muito diverso e que não virá sem nossos esforços”.

Iasi na escrita desta sua obra, recorre a metáforas, à prosa clássica, à poesia, teatro, às artes plásticas para melhor compreensão dos temas filosóficos, de método, da política que assim ganham em explicação e consistência. É um intelectual da classe trabalhadora refletindo, com erudição, sobre os dilemas do seu tempo histórico, da formação social brasileira. Sua obra contribui com pesquisadores das ciências sociais e humanas, da política, da economia e todos os interessados na vida e nas lutas da classe trabalhadora por sua emancipação. Trabalha sob o pressuposto que o [...] o conhecimento da realidade histórica é um processo de apropriação teórica, isto é, de crítica, interpretação e avaliação dos fatos” (KOSIK, 1976, p. 45).

Completa o livro o texto “da orelha” de autoria de Milton Pinheiro que a maneira de síntese destaca as virtudes da obra e seu autor.

Iasi nesta sua obra apresenta o vigor das suas reflexões, é timoneiro experiente dos estudos teóricos e políticos que interessam aos que honestamente procuram superar as barbáries da ordem burguesa.

Do conjunto da obra do autor recomenda-se, ainda: *Ensaio sobre Consciência e Emancipação e Metamorfoses da Consciência de Classe. O PT entre a negação e o consentimento*. Ambas as obras da Editora Expressão Popular.

Bibliografia:

BUONICORE, Augusto César. Revolução Russa e a luta pela emancipação. In: ORSO, Paulino José; MALANCHEN, Julia; CASTANHA, André Paulo; (Org.) *Pedagogia Histórico Crítica, Educação e Revolução. 100 anos de Revolução Russa*. Foz do Iguaçu: 2017.

DUARTE, Newton. *Educação Escolar, Teoria do Cotidiano e a Escola de Vigotski*. Campinas SP: Autores Associados, 2001. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1976.

LOSURDO, Domenico. *A esquerda ausente. Crise, sociedade do espetáculo, guerra*. São Paulo: Fundação Maurício Grabois e Ed. Anita Garibaldi, 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *Manifesto Comunista*. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.) *Manifesto Comunista*. Com Ensaio de Antonio Labriola, Jean Jaurès, Leon Trotsky, Harold Laski, Lucien Martin, James Petras. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

RODRIGUEZ, Carlos Rafael. *Lenine e a Questão Colonial. A importância da luta anticolonial na estratégia anticapitalista*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, s/d.

Notas:

¹ Possui graduação em História pela Universidade de Coimbra (1976), mestrado em Metodologia de Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste em convenio com a UNICAMP (1999) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas UNICAMP (2007). Atualmente é professor da Rede Pública de Ensino, professora de ensino superior da Fundação Universidade do Contestado - Campus Curitibaanos e Campus Caçador. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: história, educação, ensino, pesquisa e escola. Email: maria.pereira@utp.br

Recebido em: 26/10/2017
Aprovado em: 06/11/2017